



VISIBILIDADE E VISUALIDADE DE *SŒUR PHILOMÈNE* NOS CAMPOS LITERÁRIOS FRANCÊS E BRASILEIRO

Zadig Mariano Figueira Gama (UFRJ/CNPq)

Resumo: Este artigo traz os resultados parciais da pesquisa de mestrado sobre a recepção e circulação do romance *Sœur Philomène*, na França e no Brasil, em curso no Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da UFRJ. Sob a ótica da dinâmica das práticas literárias em um cenário transnacional, objetivamos reconstituir parte da historiografia literária que concerne a esse romance, escrito pelos irmãos Edmond e Jules de Goncourt, em 1861, e suas relações com a estética naturalista. A fim de trazer para a discussão que valores estéticos, traços estilísticos foram destacados e/ou atribuídos pela imprensa a *Sœur Philomène*, qual foi a atuação dos mediadores culturais e que valores estéticos defendiam na promoção desse romance na França e no Brasil, atentamos para as instâncias de mediação e os mecanismos pelos quais os campos literários francês e brasileiro reconheceram e acolheram esse romance, desde a sua primeira impressão, em 1861, até 1914, com o fim do longo século XIX. À luz do conceito de transferência cultural e da noção de mediador (ESPAGNE, 1987), colocamos em perspectiva as informações encontradas em jornais e revistas de ambos os países, sob o viés da sociologia da cultura (BOURDIEU, 1994, 1992) e da sociodiscursividade (MAINGUENEAU, 2004), que articulam a ampla percepção da literatura e de seus valores estéticos pela imprensa da época com os modos e modelos literários que integraram os campos literários francês e brasileiro no período em questão (BAGULEY, 1995; BECKER, 2011).

Palavras-chave: *Sœur Philomène*. Irmãos Goncourt. Campo literário. Mediação cultural.

O interesse de se estudar o romance *Sœur Philomène* nos campos literários francês e brasileiro surgiu durante a última fase da pesquisa de Iniciação Científica, realizada entre 2014 e 2015. Naquele momento, tentei, de forma exploratória, identificar quais obras escritas pelos irmãos Goncourt circularam em território brasileiro, desde 1850, um ano antes da publicação de *En 18..*, até 1914, com o início da I Guerra Mundial. Para tanto, houve levantamento das referências à vida e à obra desses autores em jornais e revistas brasileiros digitalizados pela Fundação Biblioteca Nacional. A busca ao nome “Goncourt” totalizou 1120 menções a esses escritores em anúncios de venda de livro, críticas, notícias diversas, menções, textos literários, na seção folhetim ou no corpo do texto, citações, normalmente do *Journal des Goncourt* etc. Ao analisar

os anúncios de venda de livro, vi que o romance dos irmãos Goncourt mais anunciado em todo o Brasil era a tradução de *Sœur Philomène*, feita por Luiz Cardoso, vendida a 1000 réis na coleção Econômica da Editora Laemmert – de 149 anúncios de venda de livro, 123 são anúncios de *Soror Philomena*.

Este número de anúncios suscitou certos questionamentos sobre o possível sucesso do romance no Brasil, que não pode ser verificado somente através de anúncios de venda de livro. A pesquisa de Iniciação Científica, então, desdobrou-se em uma pesquisa de Mestrado sobre a recepção e circulação de *Sœur Philomène*, tanto na França quanto no Brasil. Assim, tento trazer para a discussão algumas considerações sobre a *visibilidade* de *Sœur Philomène* nos campos literários francês e brasileiro, por meio de críticas e anúncios de venda de livro; e sobre a *visualidade* dessa obra, através das características destacadas pela crítica no romance e em sua adaptação para o teatro, em 1887. Dessa forma, apresento certos aspectos sobre a relação desse romance com o realismo e com o naturalismo, tal como esses movimentos literários eram compreendidos à época.

A *visibilidade* de *Sœur Philomène* no campo literário francês, na ocasião da sua primeira publicação, em julho de 1861, pela Librairie Nouvelle, da editora de Achille Bourdilliat (1818-1882), se deu, sobretudo, por meio de críticas. Na seção folhetim do jornal *La Presse* do dia 15 de julho de 1861, o crítico literário e teatral Paul de Saint-Victor (1825-1881) traz uma síntese da trama e chama a atenção para o que, segundo ele, seria uma inovação no romance moderno: um personagem em êxtase, muito comum na Idade Média – referindo-se a Céline, amiga de Philomène quando criança. O jornalista ainda afirma que não conseguiria comparar este livro a outra coisa senão à “estampa célebre de Rembrandt, que representa *Jesus curando os doentes*” (*La Presse*, Paris, ano 26, nº [s. n.], 15/07/1861, p. 1)¹. Como se pode perceber, Saint-Victor não estabelece relações entre *Sœur Philomène* e as tendências literárias daquele momento, mas remete o romance à gravura de temática bíblica.

Dois meses depois da crítica de Saint-Victor, na “Crônica literária (...) sobre *Sœur Philomène*”, no jornal *Le Temps*, a escultora e mulher de letras Marie-Noémi Cadiot (1828/32-1888), sob o pseudônimo de Claude Vignon, entende o romance como uma nova proposta estética na literatura (*Le Temps*, Paris, ano 1, nº 143, 15/09/1861, p. 1). Se por um lado ela destaca a falta de intriga da narrativa e questiona o próprio

¹ As traduções presentes neste texto são de responsabilidade do autor.

pertencimento ao gênero romanesco, por outro, insiste na qualidade da escrita de Edmond e Jules de Goncourt. A crítica aponta também a descrição da realidade como uma das principais características desse romance, que traz inovações como o ambiente hospitalar, considerado, até então, pouco atrativo para o leitor.

Apesar da crítica ter dado certo destaque a *Sœur Philomène* nos jornais parisienses, o que caracteriza a primeira edição desse romance são os percalços pelos quais ele passou. Antes de ser publicado pela editora de Achille Bourdilliat, esse romance foi recusado pela editora de Michel Lévy, sob o pretexto de ser uma narrativa lúgubre (BILLY, 1954, p. 103-104). Quando publicado por Bourdilliat, os 2000 exemplares da tiragem foram distribuídos nas livrarias pelos próprios autores do romance, como aponta a passagem do dia 11 de julho de 1861 do *Journal des Goncourt*. Poucos meses após sua publicação, a editora veio à falência, não dando sequência à promoção do livro, tampouco repassando os 400 francos de lucro previstos para venda do romance².

Tanto a crítica de Saint-Victor quanto a de Claude Vignon destacam a inovação proposta em *Sœur Philomène* no que se refere à temática e à própria estrutura da narrativa. Entretanto, pelos exemplos dados e por outras críticas à sua primeira publicação, vê-se que não são estabelecidas relações entre esse romance e as tendências literárias da época. Segundo David Baguley, começa-se a estabelecer uma relação entre a literatura goncourtiana com alguma corrente literária, somente a partir da publicação de *Germinie Lacerteux*, pela editora Charpentier, em 1865. Segundo ele, os romances *Germinie Lacerteux* (1865), *Thérèse Raquin* (1867), de Émile Zola, e *L'Éducation Sentimentale* (1869), de Flaubert formam uma tríade de textos fundadores do naturalismo, seja pela maneira de tratar o cotidiano, com personagens fadadas ao fracasso, seja pelo método de escrita pautado na observação (BAGULEY, 1995, p. 51). Colette Becker, por sua vez, considera que o naturalismo começa a se apresentar enquanto movimento estético a partir de 1865, quando *Germinie Lacerteux* vem à tona com uma narrativa bem documentada, semelhante a um “estudo quase medical de um curioso caso de histeria” (1998, p. 68), e Émile Zola toma conhecimento de *L'Introduction à la médecine expérimentale*, de Claude Bernard. Como se dá, então, o

² A primeira edição de *Sœur Philomène* foi vendida por 2 francos, como aponta o *Journal Général de l'Imprimerie et de la Librairie*, no qual há o seguinte anúncio: “GONCOURT (de). *Sœur Philomène* ; par Edmond et Jules de Goncourt. In-18 Jésus, 268 p. Paris, impr. Bourdilliat ; Libr. Nouvelle. 2 fr. Collection de Librairie Nouvelle”. *Journal Général de l'Imprimerie et de la Librairie* – tables de la bibliographie, Paris, ano 50, n° 1, 2ª série, tomo 5, 5?/01/1861, p. 336.

processo de associação de *Sœur Philomène* com o naturalismo já que esse romance veio a conhecimento público em uma época em que o naturalismo ainda não havia sido nomeado?

Essa questão pode começar a ser respondida ao se colocar em perspectiva o que afirma Émile Zola (1840-1902) em discussão com Flaubert reproduzida na passagem do dia 19 de fevereiro de 1877 do *Journal des Goncourt*. Zola reconhece que o termo *naturalismo* é algo forjado, vendo a necessidade de repeti-lo nos jornais para que o público creia estar diante de algo novo (GONCOURT, 1891, p. 314). Guy de Maupassant (1850-1893), por sua vez, no prefácio de *Pierre et Jean* (1888), reivindica o termo *ilusionista*, ao invés de *realista*, para aqueles escritores que têm o talento de dar a ilusão de realidade na obra literária. (MAUPASSANT, 1888, p. XVII-XVIII). Em poucas linhas é possível perceber certo descompasso com o que se entende por realismo e naturalismo à época de seu surgimento, sobretudo no que se refere à fluidez dessa nomenclatura, em que cada autor reivindica um termo diferente.

Ao voltarmos a atenção para o prefácio de *Germinie Lacerteux*, em que Edmond e Jules de Goncourt gerenciam a obra a partir do que Maingueneau (2004) chama de *espaço associado*: os irmãos Goncourt afirmam ter escrito, tanto este romance quanto *Sœur Philomène* – que não possui prefácio –, com o pensamento de que o povo não deveria mais ser evitado como tema literário e tratado com desdém pelos autores (GONCOURT, p. 19-23). Isso apontaria para a existência de uma afinidade entre esses romances e para a legitimação retrospectiva de *Sœur Philomène* como romance naturalista. O mesmo se pode deduzir através dos projetos das editoras que o relançaram após a inexpressiva primeira publicação pelo editor Achille Bourdilliat, em 1861.

Quatorze anos depois, em 1875, *Sœur Philomène* ganha uma nova edição pela editora de Alphonse Lemerre (1838-1912); e no ano seguinte, em 1876, pela editora de Georges Charpentier (1846-1905), esta juntamente com outros títulos de Edmond e Jules de Goncourt, tais como *Germinie Lacerteux* (1864), *Madame Gervaisais* (1869), *Renée Mauperin* (1864), *Manette Salomon* (1867), *Charles Demailly* (1868), integrando o catálogo da principal editora dos romancistas naturalistas. Apesar de as duas edições terem ocorrido em anos diferentes, confere-se a simultaneidade das publicações tanto pela passagem do *Journal des Goncourt* referente ao dia 27 de agosto de 1875, em que Edmond de Goncourt revela: “Os editores disputam nossos romances! Eis Lemerre, eis Charpentier, que fazem simultaneamente duas edições” (GONCOURT, 1989, p. 658, Tomo II), quanto pela proximidade de datas encontrada em anúncios de venda de livro

desses editores. Na edição do dia 11 de novembro de 1875 do jornal *Le Temps*, encontramos a informação de que “A Librairie Lemerre acaba de enriquecer a sua bonita coleção literária com *Sœur Philomène*, de Edmond e Jules de Goncourt” (*Le Temps*, Paris, ano 15, nº 5380, 20/11/1875, p. 3); e menos de três meses depois, na edição do dia 4 de fevereiro de 1876 do jornal *Le Figaro* já era possível encontrar o anúncio de que esse romance estava “no prelo”, mais tarde aparecendo à venda no anúncio do dia 24 de junho do mesmo ano, na lista de romances completos de Edmond e Jules de Goncourt das “últimas publicações da Biblioteca Charpentier” (*Le Figaro*, Paris, ano 23, nº 176, 24/06/1876, p. 4).

Naquele momento, *Sœur Philomène* estava associado ao projeto editorial de Lemerre, que, segundo Jean-Yves Mollier, durante a década de 1870-1880, foi o editor que mais publicou títulos de poesia, cerca de 290 – mais do que o dobro de títulos publicados por Jouaust (126) e por Dentu (129). Além disso, Lemerre também praticava o que Mollier chama de “livraria especial”, que consistia na “exploração descarada do desejo de ‘aparecer’ das pessoas afortunadas da época” (MOLLIER, 2015, p. 281); em outras palavras, as publicações eram financiadas pelos próprios autores. Não foram encontradas informações sobre quem financiou a publicação de *Sœur Philomène* na editora de Lemerre. Entretanto, é possível inferir que, em um momento em que o romance se popularizava cada vez mais, integrá-lo ao catálogo do editor conhecido como “editor dos poetas parnasianos” (*Le Rappel*, Paris, ano 7, nº 1803, 16/02/1875, p. 2) o faria destoar dos demais títulos, o que nos conduz a pensar que se tratou provavelmente de uma edição paga pelos autores, apesar do que dizem os irmãos escritores em seu diário. Desse modo, não caberia pensar que esta edição tenha contribuído para que *Sœur Philomène* fosse associada diretamente ao naturalismo.

Já ao ser publicado pela editora de Georges Charpentier, em 1876, *Sœur Philomène* integrou um catálogo predominantemente composto por romances, como aqueles do ciclo dos *Rougon-Macquart*, de Émile Zola, bem como os de Flaubert, Alphonse Daudet, Duranty, Huysmans, dentre outros, fato que o insere diretamente dentro de um rol de leituras composto sobretudo por autores naturalistas. Além disso, o romance fazia parte da famosa coleção criada por Gervais Charpentier, em 1838, a “Bibliothèque Charpentier”, num formato de dimensão reduzida – 11,5x18,3 cm –, correspondente à atual coleção de bolso “Folio” da editora Gallimard. Este formato podia conter por volta de 500 páginas, evitando o duplo ou triplo volume, e custava a metade do preço habitual de um volume in-8º, isto é, 3,5 francos ao invés de 7 ou 7,5

francos. Dessa maneira, ao ser reeditado por Charpentier, esse romance pode ser visto dentro de uma proposta editorial de popularização de romances de vanguarda e que geravam certa polêmica na imprensa. A edição de *Sœur Philomène* da editora Charpentier manteve-se à venda nos anos subsequentes, tendo seu sucesso ainda confirmado quase dez anos depois, na edição do dia 4 de março de 1885 do *Le Figaro* (*Le Figaro*, Paris, ano 31, nº 63, 4/03/1885, p. 1), por Ignotus, pseudônimo do jornalista e político Félix Platel (1832-1888), em um artigo sobre a carreira dos irmãos Goncourt.

Em 11 de outubro 1887, portanto, vinte e seis anos após sua primeira edição, o ator, diretor e criador do teatro naturalista, André Antoine (1858-1943), encomenda a adaptação desse romance para o palco a Jules Vidal (1858-1895) e Arthur Byl, a fim de representá-la na estreia da segunda temporada do seu Théâtre-Libre. Esta montagem e representação se insere numa nova proposta de dramaturgia, que visava fazer frente ao teatro burguês e pós-romântico, dominados pelos trabalhos de Eugène Scribe (1791-1861), Victorien Sardou (1831-1908), Guillaume-Victor-Émile Augier (1820-1889) e Alexandre Dumas filho (1824-1895) (CHOTHIA, 2009, p. 2).

Desde a estreia da primeira temporada de espetáculos, no dia 1º de março de 1887, o Théâtre-Libre propunha a representação de adaptações de textos essencialmente naturalistas, como *Jacques Damour*, de Émile Zola, *Mlle Pomme*, de Louis Edmond Duranty e Paul Alexis, e *En Famille*, de Oscar Metenier, representados nos meses de março e maio daquele ano. O Théâtre-Libre, segundo Antoine, motivou, nos três primeiros anos de sua existência, “mais de doze mil artigos de jornal” (ANTOINE, 2014, p. 31). Na edição do dia 6 de setembro de 1887 do jornal *Le Figaro*, por exemplo, o jornalista René de Cuers (1855-?) afirma que o princípio que pode ser depreendido do programa do Théâtre-Libre enviado por Antoine à redação daquele jornal é o de encenar uma obra de um nome conhecido a fim de despertar o interesse da crítica e do público letrado, e graças a essa curiosidade, beneficiar dois ou três jovens envolvidos na montagem, os atores e adaptadores, por exemplo (*Le Figaro*, Paris, ano 33, nº 249, 6/09/1887, p. 3).

Dos 17 artigos encontrados na França sobre *Sœur Philomène*, no dia seguinte de sua estreia, todos destacam os elementos cênicos da montagem e seu aspecto realista. No *Figaro* do dia 12 de outubro de 1887, por exemplo, o crítico Émile Blavet afirma ter tido a impressão de estar dentro de um quarto de hospital pela “pequena bacia de cobre em que os estudantes de medicina se lavaram vivamente após terem decepado alguma carcaça humana”, presente no primeiro ato, ou pela “dupla fileira de leitos onde, atrás

de cortinas abertas, brancas como sudários, podia-se sentir a Morte” (*Le Figaro*, Paris, ano 33, nº 285, 12/10/1887, p. 6).

É possível vislumbrar, portanto, três momentos na recepção e circulação de *Sœur Philomène* na França: o primeiro momento é o de seu lançamento, em 1861; o segundo, o de sua reedição pela editora de Alphonse Lemerre, em 1875, e pela editora de Georges Charpentier, em 1876; e o terceiro seria o da recuperação dessa obra pelo Théâtre-Libre de André Antoine, em 1887, motivando novas publicações, tanto do texto teatral, publicado pela editora de Léon Vanier naquele mesmo ano, quanto uma edição de luxo, publicada em 1900, na Coleção Guillaume da Editora de Lemerre (cujo volume mais caro custava 3000 francos).

A publicação de *Sœur Philomène*, em 1861, parece não ter chegado à época ao conhecimento do público leitor brasileiro, ao contrário de muitos títulos dos Goncourt em francês que estavam disponíveis para venda nas livrarias brasileiras, desde *La Lorette* em 1854, pela Livraria Garnier do Rio de Janeiro. A falência de seu primeiro editor provavelmente determinou a sua ausência no campo literário brasileiro na mesma época de sua publicação. As primeiras informações de que se tem notícia de *Sœur Philomène* no Brasil revelaram que a imprensa ainda não havia anunciado ou feito menção a essa obra até 17 de dezembro de 1885, quando se publica um longo artigo intitulado “Edmond e Jules de Goncourt”, assinado com as iniciais E. P. C. no *Diário de Pernambuco*.

É hipótese da pesquisa que o processo de ressignificação pelo qual *Sœur Philomène* passou na França, incorporada à Bibliothèque Charpentier e posteriormente levada à cena por Antoine, teria determinado sua recepção no Brasil. Essa obra aparece aqui tardiamente, já sendo percebida dentro da estética naturalista graças à relação feita entre *Sœur Philomène* e o que esses agentes do campo literário e artístico, responsáveis pela recepção renovada, circulação e manutenção dessa obra França, representavam na época.

A primeira tradução brasileira desse romance, *Irmã Filomena*, foi feita pelo escritor e jornalista Escragnolle Doria e publicada em 1891 na seção folhetim do *Jornal do Commercio*. Essa tradução parece ter sido fundamental para que, em 1895, o romance ganhasse uma nova tradução por Luiz Cardoso, *Soror Philomena*, e integrasse a Coleção Econômica da Editora Laemmert, ao lado de outros escritores naturalistas franceses, como Daudet, Zola e Maupassant. O romance aparecerá ainda na seção de folhetim do *Correio de Minas*, em 1896, pouco tempo depois da morte de Edmond.

No Brasil, *Sœur Philomène* teria sido o romance mais significativo da carreira literária de Edmond e Jules de Goncourt, único a ser traduzido e lançado em volume, pelo que indicam as fontes primárias, sendo associado em primeiro lugar ao nome desses escritores, como pode ser visto no obituário do jornal cearense *O Pão da Padaria Espiritual*: “Edmond de Goncourt, este nome tão caro a todos os espíritos delicados, pertence atualmente a um morto (...). Em nosso próximo número daremos um artigo de Antônio Salles sobre o delicadíssimo estilista de *Soror Philomena*” (*O Pão da Padaria Espiritual*, Fortaleza, ano 3, nº 31, 15/08/1896, p. 8)

A partir das informações reunidas e apresentadas neste texto, é possível antever a confirmação da hipótese de que o processo de ressignificação pelo qual *Sœur Philomène* passou na França teria determinado sua recepção no Brasil. Antes, porém, faz-se necessário apurar com maior cautela os valores defendidos, na França e no Brasil, pelos críticos, jornais, editoras, tradutores, adaptadores e diretores, a fim de conferir maior propriedade ao debate e reconstituir parte da historiografia literária que concerne a esse romance e suas relações com a estética naturalista, em uma perspectiva transnacional. A pesquisa de Mestrado segue com o intuito de recompor o circuito de relações existentes entre os mediadores culturais de *Sœur Philomène* no campo literário francês e brasileiro.

Referências

ANTOINE, André. *L'invention de la mise en scène*; Anthologie de textes d'André Antoine. Organizado por Philippe Marceroux & Jean-Pierre Sarrazac. Quetigny: Actes Sud-Papiers, 1999.

BAGULEY, David. *Le naturalisme et ses genres*. Collection Le texte à l'œuvre. Paris : Éditions Nathan, 1995.

BECKER, Colette. *Lire le réalisme et le naturalisme*. 2^a ed. Paris: Dunod, 1998.

BILLY, André. *Les frères Goncourt*; La vie littéraire à Paris pendant la seconde moitié du XIX^e siècle. Paris : Flammarion, 1954.

BOURDIEU, Pierre. *Raisons pratiques*; sur la théorie de l'action. Paris: Seuil, 1994.

_____. *Les règles de l'art*; genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 1992.

CHOTHIA, Jean. *André Antoine*. Nova York: Cambridge University Press, 2009 (Coleção Directors in perspective).

ESPAGNE, Michel & WERNER, Michael. La construction d'une référence culturelle allemande en France : genèse et histoire (1750-1914). In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. Ano 42, n. 4, p. 969-992, 1987. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_1987_num_42_4_283428. Consultado em 24 abr. 2015.

GONCOURT, Edmond de & _____, Jules de. *Journal des Goncourt*; Mémoires de la vie littéraire. Tomo I: 1851-1865; Tomo II: 1866-1886; Tomo III: 1887-1896. Paris: Robert Laffont, 1989.

_____. *Préfaces et manifestes littéraires*. Paris: Charpentier, 1888.

MAINGUENEAU, Dominique. *Le discours littéraire*; Paratopie et scène d'énonciation. Paris: Armand Colin Éditeur, 2004.

MAUPASSANT, Guy de. *Pierre et Jean*. Paris: Paul Ollendorff Éditeur, p. I-XXXV (prefácio). Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k91269k.r=Pierre%20et%20Jean%20%20Guy%20de%20Maupassant?rk=21459;2>. Consultado em 18 nov. 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. *Une autre histoire de l'édition française*. Paris: La Fabrique Éditions, 2015.